

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A construção genderificada da santidade na hagiografia mediterrânea do século XIII. In: SILVA, A. C. L. F. da. (Coord.). Semana de Integração Acadêmica do CFCH – UFRJ,. Desafios às Ciências Humanas e Sociais, 1, Rio de Janeiro, 14 a 18 de maio de 2006. *Atas...* Rio de Janeiro: CFCH-UFRJ, 2007.

A CONSTRUÇÃO *GENDERIFICADA* DA SANTIDADE NA HAGIOGRAFIA MEDITERRÂNICA DO SÉCULO XIII

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva - Pem / PPGHC - UFRJ

O objetivo desse trabalho é apresentar as linhas gerais, os fundamentos teórico-metodológicos e as principais conclusões da pesquisa *Santidade e Gênero na hagiografia mediterrânea do século XIII: um estudo comparativo*. Desenvolvida desde 2001, esta investigação, apoiada pelo CNPq, encontra-se articulada à pesquisa coletiva *Hagiografia e História*. O principal objetivo desse trabalho é comparar textos hagiográficos redigidos por dois clérigos contemporâneos: Gonzalo de Berceo, autor das vidas de Santo Domingo de Silos e de Santa Oria, e Tomás de Celano, que compôs biografias sobre Francisco e Clara de Assis, verificando como o gênero se faz presente na significação da santidade feminina e masculina. Optamos pela análise dessas hagiografias porque seus autores viveram na primeira metade do século XIII, eram cultos e ligados institucionalmente à Igreja. Além disso, redigiram hagiografias sobre pessoas reconhecidas como santos e santas, de sexos biológicos diferentes, que também foram contemporâneas e atuaram na mesma área geográfica.

Gonzalo nasceu por volta de 1196, em um povoado denominado Berceo, situado em La Rioja, área centro-norte do Reino de Castela. Foi educado no mosteiro de San Millán de la Cogolla, mas tornou-se sacerdote. Redigiu doze poemas, todos sobre temas religiosos: três hinos, três obras marianas, dois textos de caráter doutrinal e quatro hagiografias. Pelo caráter culto de sua produção literária, acredita-se que estudou na Universidade de Palência. Dentre os seus poemas hagiográficos, como já assinalamos, selecionamos para análise a *Vida de Santo Domingo de Silos* (VSD) e a *Vida de Santa Oria* (VSO), já que seus protagonistas viveram no século XI na mesma região, La Rioja. A VSD foi elaborada por volta de 1240 e apresenta a trajetória de Domingo, que foi, sucessivamente, clérigo secular, eremita, monge e abade reformador do cenóbio de Silos. A VSO, composta por volta de 1264, relata a biografia e as visões de Oria, que viveu como reclusa no Mosteiro de San Millán de la Cogolla por cerca de 20 anos. Essas obras foram compostas em castelhano e em versos.

Tomás nasceu em Celano, cidade situada em Abruzos, região localizada na Península Itálica entre os Apeninos Centrais e a Costa do Mar Adriático, então pertencente ao Reino da Sicília. Não há dados sobre a data de nascimento do hagiógrafo. Sabemos que se tornou franciscano em 1215 e que era clérigo secular. Não conhecemos as origens socioeconômicas nem como e onde Celano obteve sua formação intelectual. Como as obras do hagiógrafo revelam fidelidade aos textos hagiográficos alto-medievais, profundos conhecimentos de latim, de retórica e de autores patrísticos, saberes mais relacionados ao ambiente monástico do que ao das nascentes escolas urbanas, defendemos que ele estudou em algum centro monástico. Como franciscano, foi custódio de Worms, Moguncia, Espira e Colônia e, posteriormente, ocupou o cargo de ministro regional naquela área. Após regressar para a Itália trabalhou como copista na biblioteca do Sacro Convento em Assis e, posteriormente, deu assistência espiritual às clarissas de São João de Varri, comunidade situada na Marca de Ancona.

Diferente de Gonzalo, Tomás escreveu sobre santos que lhe foram contemporâneos. A 1 Cel e 2 Cel narram a biografia e os milagres de Francisco de

Assis, o iniciador do movimento franciscano, que viveu na Península Itálica entre 1181(?) a 1226. A 1ª Cel. foi a primeira hagiografia dedicada ao assisense, escrita em 1228, a pedido do papa Gregório IX por ocasião da canonização de Francisco. A 2ª Cel foi redigida entre 1244 e 1247, provavelmente a partir de novos dados reunidos pelos frades sobre Francisco por solicitação do Capítulo Geral de 1244. A LSC apresenta a trajetória da primeira mulher a seguir os ideais franciscanos, Clara de Assis. Nascida da mesma cidade que Francisco, viveu entre 1194 e 1253. Ela foi fundadora da primeira comunidade franciscana feminina, estabelecida em S. Damião. Sua hagiografia foi composta em 1255, ano da sua canonização. Os textos celanenses foram redigidos em latim e em prosa.

A escolha pelo estudo do século XIII fundamenta-se nas diferentes transformações processadas na Europa Ocidental e, em especial, nas penínsulas Ibérica e Itálica no período. Esse momento foi marcado pela expansão da vida urbana; maior volume de riqueza coletiva circulante; o avanço cristão sobre as terras, até então, dominadas pelos muçulmanos; o crescente interesse, presente em diversos setores da sociedade, em regrar o corpo; o nascimento de um novo ideal de vida religiosa, a chamada *vita vere apostolica*, que se inspirava em Cristo e na Igreja primitiva; as novas concepções de santidade, que tornavam os santos alvo de imitação; a sistematização da reflexão teológica sobre diversos temas, como o diabo, o casamento, os sacramentos, etc; os esforços reformadores da Cúria Papal, em sua busca pela organização interna do corpo eclesial e por uma maior ação pastoral junto à sociedade, que procurou, dentre outras iniciativas, fixar modelos de comportamento social diferenciados pela relação institucional com a Igreja – clérigos ou leigos – e por sexo – homem-mulher; o surgimento das universidades, centros intelectuais nos quais os textos antigos eram relidos e eram elaboradas novas formulações, e, sobretudo, o desenvolvimento de uma nova hagiografia, que se tornou, ao mesmo tempo, a sistematizadora e propagadora das novas concepções de espiritualidade.

Nossa pesquisa configura-se como um estudo de gênero que se fundamenta no paradigma pós-estruturalista. Desta forma, em nossas análises, realçamos a subjetividade dos sujeitos e da linguagem; elegemos o particular, renunciando à busca pelas origens ou por leis causais e gerais para a explicação dos fenômenos; trabalhamos com diferentes variáveis, pois defendemos, como Jane Flax (1991), que ainda que o gênero esteja presente em todos os aspectos da experiência humana, não os determina, mas os constitui parcialmente; privilegiamos o estudo dos conflitos, das contradições, dos desvios, da invenção ao invés das regularidades e das constâncias; problematizamos a configuração das identidades e das experiências.

Interessa-nos analisar e explicar as construções da santidade feminina e masculina, apontando para a historicidade e as ambigüidades destas representações. Ou seja, estamos atentos aos sentidos atribuídos pelos hagiógrafos à santidade. Assim, tal como consideramos o gênero uma construção cultural, também definimos santidade como o conjunto de comportamentos, atitudes e qualidades que, num determinado lugar e período, são critérios eleitos por um grupo para considerar um indivíduo como venerável.

Em nosso trabalho, a santidade e o gênero não se traduzem como categorias fixas, mas apontam para as múltiplas possibilidades das experiências e das construções de identidades. É por essa razão que optamos por empregar, traduzindo, a forma verbalizada de *gender*, em inglês, *genderizing*. Acreditamos que este termo exprime o dinamismo, a complexidade e as contradições dos processos pelos quais são socialmente construídas as diferenças sexuais.

Fundamentados nas idéias de Joan Scott, compreendemos que o gênero é um campo no qual, ou por meio do qual, se articula o poder. Desta forma, o gênero está compreendido em diferentes aspectos do social que funcionam juntos, mas que não

são reflexos uns dos outros, como a santidade. Não adotamos, *à priori*, categorias fechadas, como santidades feminina e masculina, e estamos, com nossas pesquisas, verificando como estas são discursivamente produzidas pelos hagiógrafos selecionados. Para tanto, selecionamos algumas variáveis para nos auxiliarem a identificar como santidade e gênero se constroem discursivamente e se articulam nos textos em análise. As variáveis selecionadas foram relacionamentos, formação intelectual, espaço, milagres, práticas religiosas, atitudes/comportamentos e corpo. A partir desses elementos, diversos sub-temas foram levantados, tais como o relacionamento com os pais, a espiritualidade, o acesso aos livros, a sexualidade, a alimentação, a vestimenta, as descrições corporais e a morte. As variáveis foram escolhidas, sobretudo, a partir das transformações que se processavam nas penínsulas ibérica e itálica no período. Por exemplo, a variável educação foi selecionada porque no momento em que os hagiógrafos elaboraram as suas obras surgiam as primeiras universidades.

Nossos pressupostos teóricos também influenciaram as nossas escolhas metodológicas. Como nosso trabalho está voltado para o estudo das significações, optamos por analisar os discursos. Em nossa pesquisa, compreendemos discurso como construções humanas coerentes, coletivas, dinâmicas, e organizadas sobre uma determinada temática. Os discursos são compreensões produzidas pelas sociedades sobre os diferentes aspectos da sua organização social e que não a antecedem. Não se limitam, portanto, ao universo das idéias e se traduzem, na constituição do social, como práticas, instituições e representações.

Vale destacar que nenhum discurso é totalmente absoluto, pois ainda que se torne hegemônico, não elimina o outro; busca desqualificá-lo, ignora-o. Também não é autônomo ou imutável, já que nasce a partir de outros discursos e deles sofre a interferência. Neste sentido, podemos afirmar que convivem, numa mesma sociedade, múltiplos discursos, com lógicas e preocupações diferentes, que se complementam ou se opõem.

A constituição dos discursos, como já assinalamos, é inseparável do social. Porém, a sua materialização/manifestação produz-se num determinado tempo e lugar, por sujeitos (que pode ser um coletivo ou um indivíduo), em meio a relações de forças, sob diversas formas e sempre para um outro (s), o (s) receptor (s).

Em nosso trabalho privilegiamos o estudo dos enunciados. Um enunciado não é o discurso: o contém, o expressa e, portanto, pode apresentar mais de um discurso ou este pode estar presente, de forma involuntária, como um desvio ou um não dito. Ou seja, um enunciado pode conter ambigüidades, inconstâncias e incoerências.

Como os enunciados estruturam-se a partir de leis próprias, específicas de cada linguagem, não podem ser considerados como um reflexo direto da visão de mundo de um dado autor ou do contexto no qual estava inserido. Ainda que tais elementos sejam dados fundamentais para a análise, há que levar em conta as particularidades do enunciado selecionado e as regras que o constituem. No nosso caso, tratam-se de textos hagiográficos, obras compostas pautadas nas tradições e em informações diversas sobre os biografados; visando a edificação dos fiéis; a propagação da memória de pessoas que foram consideradas veneráveis, e buscando alcançar um dado público. Assim, há que estudar os enunciados e a sua transmissão para reconstruir e analisar os discursos e sua dinâmica, pois só assim é possível verificar como o discurso ganha/prodiz sentido.

Para a análise das hagiografias selecionadas, optamos pelo uso de diferentes técnicas de análise: a lexicográfica; a semântica; a narrativa; a diacrônica e sincrônica. Na análise lexicográfica nos detemos ao estudo do sentido das palavras empregadas pelo autor como indícios de seu discurso. Partindo da idéia de Joan Scott de que "os significados não são fixos no léxico de uma cultura" (SCOTT, J. W., 1988, p. 5),

selecionamos unidades de análise, ou seja, alguns termos e suas variações. Na semântica, optamos por categorias, como, por exemplo, os adjetivos associados a um personagem em uma certa narrativa, ou termos dentro do mesmo campo semântico. Em alguns casos também realizamos a análise narrativa. Neste caso, buscamos identificar e analisar os diversos elementos que configuram a narrativa e que a tornam um todo de sentido, como o enredo, as personagens e sua caracterização, a presença ou ausência de um narrador e a sua forma de inserção a narração, se há indicações temporais e/ou espaciais etc. por fim, destaco o uso da análise sincrônica e diacrônica. Ao empregar esta técnica, analiso os textos à luz de seu contexto literário em perspectiva sincrônica, ou seja, dos textos que lhe são contemporâneos, e diacrônica, dos que o antecederam.

A partir dos dados documentais levantados, à luz do quadro teórico escolhido e dos elementos de recepção, circulação e transmissão do enunciado, buscamos verificar como a santidade é *genderificada*.

A fim de ilustrarmos como temos trabalhado, vamos apresentar, ainda que de forma sintética, algumas reflexões sobre como os hagiógrafos em estudo dão significado à santidade feminina e masculina à luz de seus relacionamentos com o diabo. Vale destacar que no século XIII ainda estava se constituindo a teologia sobre o mal, tal como apontam diversos trabalhos (RUIZ DOMINGUEZ, J. A., 1999; LINK, L., 1998; RUSSEL, 2003). Segundo assinala Muchembled, é "nesse momento que a noção teológica começa realmente a encarnar-se..." (2001, p. 14.).

Para o levantamento dos dados, empregamos a técnica lexicográfica. identificamos todas as passagens das hagiografias em análise em que figuram os termos *diablo* (castelhano) e *diabolus/ diabolum/ diaboli* (latim). Vale destacar que a palavra castelhana *diablo* provém do latim da vulgata *diábolus*. O termo latino, por sua vez, deriva do grego, e originariamente tinha o sentido de acusador, caluniador. O significado bíblico-cristão dado ao vocábulo é o de espírito maligno, espírito do mal, inimigo. É dentro desse campo semântico que o termo figura nas hagiografias em análise.¹

Na VSD, todas as vezes que a palavra *diablo* aparece, cinco vezes, ela está relacionada a Domingo. Neste sentido, o comportamento exemplar do biografado, que fazia suas orações ainda criança, era "muito pesado" para o diabo (VSD 17d). Já como clérigo, sabia, segundo a VSD, deixar o diabo à distância, para não cair em tentações (VSD 48 ab). Na obra, o diabo está sempre a espreita do abade, buscando provocá-lo e fazê-lo pecar (VSD 152, 250). Neste sentido, em uma visão, o santo é advertido por mensageiros celestes que o diabo quer furtar os galardões que o aguardavam no céu (VSD 238).

Na VSO o termo *diablo* aparece três vezes. Em duas referem-se aos pais de Oria, destacando a sua luta contra as tentações. Em só uma passagem o termo relaciona-se à santa, VSO 96. Nessa passagem, a reclusa é exortada a não se deixar levar pelo conselho do diabo, como fez Eva, a fim de garantir o trono que lhe estava preparado no céu.

Na 1 Cel o termo *diabolus* e suas variantes figuram cinco vezes. Em quatro relacionam-se a Francisco. Na primeira, 1 Cel 35, o narrador diz que o assisense abraçou a vida religiosa porque estava certo de que "tinha sido mandado para conquistar para Deus as almas que o diabo se empenhava em arrebatá-las." Em 1 Cel 69, é relatada a cura de um irmão, operada por Francisco, cuja doença, segundo o texto, era provocada pelo diabo. Em 1 Cel 69 é narrado o exorcismo de uma mulher através

¹ Devido aos limites do trabalho, não vamos ampliar o levantamento dos dados incluindo outras unidades de sentido do mesmo campo semântico, incluindo os termos *satanás*, *mal*, etc.

da oração de Francisco. E por fim, em 1 cel 72, o narrador informa que o santo lutava corpo a corpo com o diabo, que o buscava abater física e espiritualmente.

Na 2 Cel, logo no início da obra, Francisco é atormentado pelo diabo por meio da lembrança de uma mulher corcunda (2 Cel 9). Em 2 Cel 34, para exortar um frade, afirma ter visto "um diabo nas costas do desobediente". O narrador deixa implícito que se tratava de uma metáfora. O mesmo ocorre em 2 Cel 64. Ao dormir com um travesseiro de penas, sinal de luxo, afirmou que sua "cabeça tremia, os joelhos cediam, e o corpo se sacudia todo, como se tivesse comido pão de joio". E acrescenta: "acho que o diabo está nesse travesseiro em que pus a cabeça".

Por fim, na LSC, em só uma passagem o diabo é mencionado: LSC 30. Segundo esse texto, em uma ocasião, enquanto Clara rezava em sua cela, "o diabo lhe bateu no rosto, enchendo um olho de sangue e a face de marcas".

Como o gênero e a santidade são construídos pelos hagiógrafos à luz da relação dos santos com o diabo? Em primeiro lugar, há que destacar que o tratamento dispensado ao diabo é variável nas diferentes obras. Na VSD ele é uma ameaça constante, porém somente no campo espiritual. Ele não se materializa. O mesmo ocorre na VSO. Nas obras celanenses, há uma clara diferença. Enquanto na 1 Cel e na LSC o diabo possui uma ação concreta, que chega a atingir fisicamente aos santos, na 2 cel, parece figurar somente como uma metáfora nos discursos que visavam a exortação dos frades.

Essas diferenças na representação do diabo podem ser explicadas, entre outros fatores, pela própria construção, ainda em curso, da teologia sobre o diabo, o que incluía reflexões sobre a sua aparência, seu poder, suas artimanhas. As diferentes motivações e públicos das obras também não podem ser descartadas. A 2 cel é claramente um texto voltado aos frades. Diferente das demais hagiografias, que visam um público amplo, aqui o alvo são os seguidores de Francisco, que estavam se afastando dos ideais do fundador do movimento.

Entretanto, apesar das diferentes representações do diabo, há uma clara *genderização* dos relacionamentos dos santos e santas com essa figura. Face às santas, os santos são mais confrontados pelo diabo, estão sempre preparados para enfrentá-lo e saem vencedores em todos os embates. Já as santas, são pouco assediadas pelo diabo. Talvez porque já fossem vistas como fracas e suscetíveis a cair em tentação, tal como o fez Eva, como lembrado na VSO. No caso específico de Clara, o diabo, violento, deixa marcas em seu rosto. Esse dado, como um desvio textual, não é precedido nem complementado por qualquer informação. Solto no texto, parece destacar o caráter de vítima indefesa da religiosa face ao "inimigo".

Várias outras reflexões e questões podem ser levantadas a partir desses dados. Contudo, extrapolaríamos os objetivos deste texto, que é apresentar as linhas gerais, os fundamentos teóricos e as conclusões a que já chegamos com nossas investigações.

Com o desenvolvimento de nossa pesquisa, aprofundamos as reflexões teóricas, experimentamos diversos métodos e técnicas de análise dos documentos e buscamos estabelecer um diálogo constante a historiografia. Alguns dos pressupostos iniciais e conclusões parciais já foram superados e/ou revistos. Contudo, uma conclusão geral vai se afirmando: o gênero se impõe, constituindo as significações de santidade presentes nas hagiografias selecionadas.

Os hagiógrafos, ao comporem suas obras, estão preocupados, sobretudo, em divulgar o culto dos santos que biografam. Ao fazê-lo, incluem ensinamentos morais e doutrinários; lançam mão de símbolos cristãos; incorporam idéias presentes na Bíblia e nos autores eclesiásticos; fazem escolhas à luz de seus pertencimentos institucionais e compromissos pessoais.

Tanto Gonzalo de Berceo quanto Tomás de Celano possuíam ligações institucionais com a Igreja Romana e com instâncias mais locais. No caso do

castelhano, há que destacar a sua proximidade com o mosteiro emilianense e com o bispo calagurritano, e em relação ao italiano, seus compromissos com a nascente ordem franciscana. Porém, possuíam formações intelectuais distintas, viveram em espaços diferentes, escreveram sobre santos que mantiveram com a Igreja romana uma ligação distinta. Francisco e Clara foram canonizados oficialmente pela Igreja Romana, que não media esforços para divulgar seu culto no início do século XIII. Já Domingo e Oria eram santos locais, conhecidos em La Rioja e regiões próximas. Sua hagiografia visava atrair peregrinos e doações para o mosteiro em que ambos haviam vivido.

As reflexões desenvolvidas até aqui, ilustradas nesse texto através do estudo do relacionamento dos santos com o diabo, permitem afirmar que a santidade é *genderizada* por estes hagiógrafos. Ou seja, ao caracterizarem a santidade de seus santos e santas, os autores atribuem a um e a outro gênero traços particulares. Sim, os santos e as santas são considerados dignos de veneração e de culto. Após sua morte, suas relíquias e corpos tornam-se fonte de poder, de ligação entre o divino e o humano. Contudo, a trajetória até o reconhecimento divino e social da santidade feminina é bem distinta da masculina. As mulheres só são efetivamente reconhecidas como santas após a sua morte. Em seu caminho rumo a santidade, elas parecem mais fracas e mais suscetíveis às tentações da carne. Desta forma, precisam de orientação e de tutela, sobretudo masculina, de confessores, dos pais, do papa, etc. Já os homens, mais fortes, ainda em vida parecem se revestir de uma áurea santificada. Seus corpos também são colocados sob restrições e disciplina. Contudo, parecem mais imunes aos impulsos da carne.

Contudo, apesar de contemporâneos e partilharem de uma perspectiva genderizada da santidade, Tomás de Celano e de Gonzalo de Berceo apresentam variações ao significar essa santidade, o que pode ser explicado por seus diferentes compromissos institucionais e experiências. Tomás era letrado, mas certamente obteve sua formação intelectual em um centro monástico. Além disso, era franciscano e fiel às diretrizes da ordem. Quando a ordem mudou, sua perspectiva sobre diversas questões também se ajustou, o que fica evidente ao compararmos 1 Cel com a 2 Cel. Já Gonzalo de Berceo cursou a universidade. Além de detentor de uma saber urbano era, certamente, um entusiasta da reforma propagada pelo papado.

Ou seja, mesmo reafirmando, em linhas gerais, a inferioridade das mulheres, a argumentação dos hagiógrafos é construída de forma diferente. Em nosso caso, só foi possível perceber essas nuances quando desconstruímos os enunciados à luz das diversas variáveis. Elas permitiram perceber as particularidades e as inconstâncias nas construções discursivas sobre as diferenças sexuais. Ou seja, longe de ser um dado homogêneo, o gênero foi constituído na primeira metade do século XIII com conflitos, incoerências e divergências. Assim, mesmo dois autores contemporâneos, clérigos, acabaram por significar, de forma diferenciada, os aspectos relacionados à santidade.

Bibliografia:

- BASCHET, Gêrome. Diabo. In.: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude. (Coord). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru; São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2V. v. 1, p. 245-252.
- FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) *Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250.
- FLORES ARROYUELO, F. J. *El diablo en España*. Madrid: Alianza, 1985.
- GAJANO, S. B. Santidade. In: LE GOFF, J., SCHMITT, J-C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/ Edusc, 2002. 2v. V. 2, p. 449-463.

- GARCIA DE LA FONTE, O. *El latín bíblico y el español medieval hasta el 1300*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1992.
- GONZALO DE BERCEO. *Obras Completas*. Estudo e edição crítica por Brian Dutton. Londres: Tamesis Books, 1978. 5v. V.4: La vida de Santo Domingo de Silos e V.5: El Sacrificio de la Misa, La vida de Santa Oria, El martirio de San Lorenzo.
- JENKINS, K. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LINK, L. *O diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MUCHEMBLED, R. *Uma História do diabo. Séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.
- PEDROSO, J. C. C. *Fontes Franciscanas. Apresentação Geral*. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998.
- RUIZ DOMINGUEZ, J. A. El demonio y los endemoniados en la Castilla del siglo XIII. *Anthropos*, s/n., p. 411-21 1989.
- _____. *El mundo espiritual de Gonzalo de Berceo*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1999.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *O Diabo, as percepções do mal da Antigüidade ao Cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- _____. *Lúcifer, o Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.
- SCOTT, J. W. *Gender and Politics of History*. Revised Edition. Nova York: Columbia University Press, 1988.
- SILVA, A. C. L. F. da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, n. 6, p. 194-223, 2002.
- TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes; FFB, 2004.